



ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO: CONSTITUIÇÃO PROSOPOGRÁFICA DO ENSINO COMO CAMPO DE PESQUISA

Ricardo Scucuglia Rodrigues da Silva¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5810-2259>

Jackson Gois²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6863-4032>

Humberto Perinelli Neto³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1479-4860>

RESUMO

Partindo da definição de campo proposta por Pierre Bourdieu, bem como de prosopografia apresentada por Carlo Ginzburg, trata-se, nesta entrevista, de apresentar momento da trajetória acadêmica da Profa. Maria Aparecida Viggiani Bicudo, caracterizado por sua formação intelectual, bem como sua experiência no Programa de Pós Graduação em Educação Matemática (Unesp/Câmpus de Rio Claro), na Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos e no SIPEQ, além da formação de professores da Unesp. A entrevista busca apresentar a participação da entrevistada na constituição do Ensino como campo de pesquisa, considerando o cenário brasileiro e a multiplicidade de vozes mobilizadas em ações e projetos.

Palavras-chave: Maria Aparecida Viggiani Bicudo; Ensino; Prosopografia.

1

INTERVIEW WITH PROFESSOR MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO: PROSOPOGRAPHIC CONSTITUTION OF THE FIELD OF RESEARCH IN TEACHING

ABSTRACT

Starting from the definition of field proposed by Pierre Bourdieu, as well as the prosopography presented by Carlo Ginzburg, this interview is about presenting a moment in the academic career of PhD Maria Aparecida Viggiani Bicudo, characterized by her intellectual formation, as well as her experience in the Graduate Program in Mathematics Education (Unesp/Campus of Rio Claro), in the Society for Qualitative Studies and Research and in SIPEQ, in addition to the training of teachers at Unesp. The interview seeks to present the interviewee's participation in the constitution of the Teaching as a field research, considering the Brazilian scenario and the multiplicity of voices mobilized in actions and projects.

Keywords: Maria Aparecida Viggiani Bicudo; Teaching; Prosopography.

¹ Doutor em *Education Studies* (The University of Western Ontario/Canadá). Professor Assistente-Doutor (UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto), São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: ricardo.scucuglia@unesp.br

² Doutor em Educação (USP). Professor Assistente-Doutor (UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto), São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: jackson.gois@unesp.br

³ Doutor em História e Cultura Política (UNESP/FCHS/Franca). Professor Assistente-Doutor (UNESP/IBILCE/São José do Rio Preto), São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: humberto.perinelli-neto@ibilce.br

ENTREVISTA A LA PROFESORA MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO: CONSTITUCIÓN PROSOPOGRÁFICA DEL CAMPO DE INVESTIGACIÓN DOCENTE

RESUMEN

Tomando como bases la definición de campo, propuesta por Pierre Bourdieu, así como de la prosopografía presentada por Carlo Ginzburg, esta entrevista presentará un momento en la carrera académica de profesora doctora María Aparecida Viggiani Bicudo, caracterizada por su formación intelectual, así como su experiencia en el Programa de Posgrado en Educación Matemática (Unesp/campus Rio Claro), en la Sociedad de Estudios e Investigaciones Cualitativas y en SIPEQ, además de la formación de docentes de la Unesp. La entrevista intenta presentar la participación de la entrevistada en la constitución del campo de la Enseñanza como campo de investigación, considerando el escenario brasileño y la multiplicidad de voces las que son movilizadas en acciones y en proyectos.

Palabras clave: Maria Aparecida Viggiani Bicudo; Enseñanza; Prosopografía.

APRESENTAÇÃO

Uma das contribuições oferecidas, por Pierre Bourdieu, ao pensamento social envolve o conceito de campo.

[Bourdieu] forjou a nova ferramenta analítica do campo, designando espaços relativamente autônomos de forças objetivas e lutas padronizadas sobre formas específicas de autoridade, para dar força à estática e reificada noção de estrutura e dota-la de dinamismo histórico (WACQUANT, 2002, p. 99).

2

De acordo com o próprio Bourdieu, campo deve ser analiticamente entendido

[...] como rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (situs) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.) (BOURDIEU, 2011, p. 72).

Considerando essa definição, pode-se argumentar que a professor doutorada Maria Aparecida Viggiani Bicudo⁴ exerceu fundamental importância para a constituição do campo do Ensino, uma vez que o consideremos como um espaço de pesquisa dotado de contornos próprios e, dessa forma, de autonomia acadêmica.

Pesquisadora Produtividade 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a professora Maria Bicudo graduou-se em Pedagogia

⁴ Informações sobre as publicações da professora podem ser acessadas por meio de seu currículo na plataforma Lattes. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/1432728078910527>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3533-169X>.

pela Universidade de São Paulo (USP), onde também cursou o mestrado em Educação Orientação Educacional. Doutorou-se em Ciências pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro. Como docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Maria Bicudo obteve os títulos de Livre-Docente em Filosofia da Educação pela Unesp/Câmpus de Araraquara, em 1978, e de professora Titular da Unesp/Câmpus de Rio Claro, em 1988.

Entre 1964 e 1967, Maria Bicudo atuou como professora do Instituto de Educação "Dr. Octávio Mendes", escola pública estabelecida na cidade de São Paulo, bairro de Santana, e que possuía prestígio e reconhecimento, conforme expresso em memórias de ex-alunos.

Somos de uma turma e de um tempo em que era possível sentir e ostentar grande satisfação por estudar numa escola pública!
O "melhor colégio do mundo", brincamos até hoje com nossos filhos quando passamos no quarteirão entre a Voluntários da Pátria e a Doutor Zuquim, no Alto de Santana.
Para quem não sabe, fica ali o "glorioso CEDOM", de vagas disputadíssimas lá pelos anos 60, meados de 70!
Foi onde nos conhecemos, ainda no ginásio, e fizemos muitos dos amigos que conservamos orgulhosamente, mantendo a turma com reencontros que vão escrevendo nossas vidas!
O Colégio Estadual virou Instituto de Educação, depois Escola Estadual de Segundo Grau, sempre homenageando o Doutor Octávio Mendes, cuja biografia sabíamos de cor! As várias mudanças no ensino público conseguiram deteriorar sua qualidade, mas de nome o CEDOM continuou sendo "O CEDOM" nas referências de todos os que passaram por ele (GONÇALVES JUNIOR, 2013, p. 2-6).

Entre eventos acadêmicos diversos, registra-se que a professora Maria Bicudo vivenciou experiências profissionais na Universidade da Califórnia/Berkeley (EUA), na Universidade de Londres (Inglaterra) e na Universidade Lateranense de Roma (Itália). Dedicou-se, também, com afinco, à gestão universitária, sendo a primeira mulher a estar à frente de uma Pró-Reitoria das três universidades estaduais de São Paulo. Na Unesp, ocupou o cargo de Pró-Reitora de Graduação (PROGrad), entre 1991 e 2003. No Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, sediado no câmpus de Rio Claro da Unesp, atuou como coordenadora e como vice-coordenadora, durante o período de 1984 a 1993, desde sua criação até sua consolidação.

Em um final de tarde de 25 de outubro de 2018, momentos antes de apresentar palestra na semana acadêmica do curso de graduação em Matemática, do câmpus de São José do Rio Preto da Unesp, a professora Maria Bicudo, gentilmente, concedeu entrevista presencial a docentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativos (PPGEPPF), em uma sala de videoconferência.

O foco da entrevista envolve, em termos históricos, as décadas de 1970 e de 1980. A narrativa é rica em oferecer elementos para se refletir sobre certa

prosopografia (estudo dos sujeitos segundo atenção dispensada à rede social e ao contexto histórico, nos quais estão inseridos), de modo que os nomes mencionados na narrativa da professora. Maria Bicudo sejam tratados como densos indícios (GINZBURG, 1989; 2007a; 2007b) para entendimento da construção do campo do ensino no Brasil.

Nesse sentido, a entrevista em questão difere-se do foco de outras concedidas pela pesquisadora, uma vez que destacam sua relação com a pesquisa qualitativa na abordagem fenomenológica em Educação Matemática (SIMEÃO; MOCROSKY, 2018), a história da Educação Matemática (GARNICA; BICUDO, 2018) e as memórias associadas à implantação do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro (BICUDO, 2014).

Com base nos princípios que formam a entrevista compreensiva (KAUFMANN, 2013), na importância do roteiro semiestruturado e da entrevista individual (GASKELL, 2008), considerando que a transcrição de entrevistas é tema teórico-metodológico (BAILEY, 2008; BAZELEY, 2013) e valendo-se da proposta de publicação de entrevistas segundo a observância da multimodalidade, por parte da revista Pesquisas e Práticas Educativas, optou-se por apresentar no formato impresso uma versão editada (não naturalista) e uma versão integral (naturalista) no formato audiovisual. A partilha do segundo formato levou em conta, também, as observações tecidas pelo cineasta Eduardo Coutinho, sobre a importância de filmar as palavras, considerando a relação que possuem com o corpo. “A pessoa não fala vírgula, não fala ponto, não fala entre parênteses. Você tenta dar uma ordem para a fala com sinais gráficos, mas tem que ter cuidado para não destruí-la” (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 129). O formato audiovisual da entrevista pode ser acessado na plataforma do YouTube, por meio do link <<https://youtu.be/knlSQP3wmXQ>>.

ENTREVISTA COM MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO

É um prazer muito grande retornar a São José do Rio Preto, no IBILCE. Eu estive muitas vezes aqui, principalmente, na década de 1990, quando fiquei como Pró-Reitora da Unesp⁵, de 1993 a 2001. Eu gostava muito de me reunir com os professores, funcionários e alunos daqui. Agradeço o convite.

Sobre o Professor Joel Martins⁶

⁵ Pró-Reitora de Graduação (PROGrad).

⁶ Joel Martins (1920 - 1993). Formou-se na Escola Normal Caetano de Campos. Graduiu-se, Bacharel e Licenciado em Pedagogia e em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Fez o Mestrado nos Estados Unidos da América do Norte, entre 1949-1950, e doutorou-se em Psicologia da Educação, entre 1951-1953, pela Universidade de São Paulo. Posteriormente, fez pós-doutorado na Universidade de Michigan, Ann Arbor, nos Estados Unidos da América do Norte, entre 1953-1954.

Eu fui muito próxima do professor Joel. Ele era professor de Psicologia, mas ele tinha cursado, também, o curso de Filosofia. Eu comecei a trabalhar com ele quando eu fui começar a fazer o doutorado. Isso foi em 1969, mais ou menos. Eu tinha feito todo meu curso de Pós-Graduação, que a gente chamava de Pós-Graduação, embora não era estruturado como o modelo atual. Eu cursei a graduação e a Pós-Graduação mencionada na USP, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Eu tinha feito, então, a Pós-Graduação em Orientação Educacional, com a doutora Maria José Garcia Werebe⁷. Na época, em 1968, quando toda situação política ficou muito fechada, ela foi embora do Brasil. Nessa época, no curso de graduação em Pedagogia, o currículo era diferente do currículo atual. Nós tínhamos, na verdade, um curso de bacharelado em Educação. Inclusive, eu tenho dois diplomas. Um de Bacharel e outro de Licenciatura em Pedagogia. Então, nós tínhamos quatro anos de Filosofia. Até mais, porque eu fiz onze semestres de Filosofia, entre Filosofia, Introdução a Filosofia e História da Educação. Eu fiz todos os cursos oferecidos. E, também, oito semestres de Psicologia. Então, era um curso muito forte do ponto de vista teórico, com muita discussão, muita Sociologia, etc. Eu tive formação em Filosofia, com o grupo de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Educação. Eu trabalhava muito com o professor Roque Spencer Maciel de Barros⁸. Ele não queria colocar um mestrado lá na USP, porque ele entendia que para fazermos um mestrado em Filosofia, nós teríamos que estudar na Grécia. Nós teríamos que saber Grego, etc. Então, ele criticava muitos os cursos de Pós-Graduação existentes. E a Werebe colocou um curso de Pós-Graduação em Orientação Educacional. Como ela era uma ótima professora, muito séria, nós, eu meus colegas, buscamos realizar esse curso. Em seu currículo, também, se estudava Psicologia. E ela trouxe o Rogers. Naquela época, o Carl Rogers⁹ era novidade. Assim como o psicodrama, sociodrama. Também tínhamos naquele curso Psiquiatria, etc. E foi um curso muito interessante, muito profundo.

⁷ Maria José Garcia Werebe (1925 - 2006). Formou-se professora pela escola normal de Franca, SP, tendo ganho a cadeira prêmio. Em 1943, ingressou no Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo – USP. Em 1949, obteve uma bolsa de estudos para a França, onde aprofundou sua formação no Laboratório de Psicobiologia da Infância, criado por Henri Wallon. Retornando ao Brasil, em 1952, foi aprovada como livre-docente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, lecionando no curso de Pedagogia até 1969.

⁸ Roque Spencer Maciel de Barros (1927 – 1999). Professor de História e Filosofia da Educação na USP, destacou-se na defesa do ensino público democrático, laico e gratuito.

⁹ Carl Rogers (1902 – 1987). Professor de Psicologia Clínica na Universidade Estadual de Ohio e nas Universidades de Chicago e Wisconsin. Desenvolveu a Abordagem Centrada no estudante, a partir dos conhecimentos obtidos de sua experiência com psicoterapia.

Quando eu fui fazer o doutorado, eu já era casada com o Irineu Bicudo¹⁰, que faleceu este ano (2018). Eu me casei ainda na graduação. Eu já tinha começado a dar aula em Rio Claro, de Filosofia. Já tinha dado aula de Filosofia no Clássico, em São Paulo. Era solicitado que se fizesse o doutorado. E eu não queria fazer o doutorado na USP, porque, àquela época, a situação interna daquela faculdade estava muito complicada. Então, o Irineu me falou: “vamos lá falar com o Joel; lá na PUC; ele é ótimo”. E eu, na verdade, queria uma pessoa que fosse rigorosa e que me acompanhasse. Sabe, porque eu não queria aqueles doutorados em que as pessoas começam a fazer e não têm orientação, um *feedback* sobre a pesquisa que estão realizando. Em termos de uma avaliação, como: “está bom, está ruim, refaça”. E eu sabia que o Joel era muito rigoroso. E eu fui conversar, ele me aceitou. Então, eu comecei a fazer o doutorado com o Joel. Era engraçado, porque ele dava muita aula de Psicologia. E naquela época, ele estava muito entusiasmado com os estudos de Jerome Bruner¹¹, de Psicologia da Cognição. Ele já tinha feito dois doutorados, um no Brasil e um nos EUA. Ele tinha feito estágio com o Piaget¹², mas não aceitava muito a teoria do Piaget. Ele estava com Jerome Brunner e eu não gostava. Eu gostava de Filosofia. Cheguei para ele e disse: “Olha Joel, eu gostaria de trabalhar outro tema”. Ele perguntou o que eu gostaria de trabalhar. Eu disse que gostaria de trabalhar a parte de orientação educacional, quais são os fundamentos filosóficos. Então, eu comecei a estudar isso. E ele foi me orientando.

Ao mesmo tempo, em Rio Claro, na cadeira de Filosofia da Educação, ou seja, de História e de Filosofia da Educação, chegou à época o Rubem Alves¹³, recém-doutorado nos EUA. Eu fiquei encantada com o que ele trazia e comecei a estudar muito Martin Buber¹⁴. A relação dialógica *Eu e Tu*, etc. Eu li tudo. Porque o Rubem tinha feito doutorado nessa linha e ele me emprestava todos os livros. Eu já era fluente em inglês e fomos em frente. Foi muito interessante, porque com a Werebe eu tinha estudado muito o Carl Rogers. Quando eu comecei a estudar Buber, eu vi consonância na questão do diálogo. Eu fui levando para o Joel minhas ideias e os meus estudos. Eu fui estudando, ele ia discutindo comigo e nós íamos performando

¹⁰ Irineu Bicudo (1940 – 2018). Professor de Matemática na UNESP Rio Claro, contribuiu com os campos da Matemática e do Ensino, desenvolvendo pesquisas em álgebra, fundamentos da matemática, teoria dos conjuntos, lógica e história e filosofia da matemática.

¹¹ Jerome Bruner (1915 – 2016). Professor de Psicologia em Harvard e depois em Oxford. Foi um dos pioneiros nos estudos da Psicologia Cognitiva nos Estados Unidos.

¹² Jean Piaget (1896 – 1980). Professor de Psicologia da Universidade de Genebra, na Suíça. Tornou-se mundialmente reconhecido ao desenvolver a Epistemologia genética.

¹³ Rubem Alves (1933 – 2014). Professor do Instituto de Filosofia da UNICAMP. Contribuiu também nos campos da Psicanálise, da Literatura e da Teologia, sendo reconhecido como importante educador brasileiro.

¹⁴ Martin Buber (1878 – 1965). Professor de Filosofia nas Universidades de Frankfurt e Hebraica de Jerusalém, contribuiu com uma filosofia do diálogo no âmbito das ciências humanas e da antropologia filosófica.

essa tese. Chegou a um ponto que eu sentia a necessidade de conhecer muito a questão sobre o sujeito, quem é o sujeito, quem é esse eu e como ele é constituído. E aí, o Joel me colocou para estudar a Teoria do Papel¹⁵.

Eu estudei muito a Teoria do Papel, que fazia ligação do que eu tinha estudado com a Werebe sobre o Moreno¹⁶, com o psicodrama e com o sociodrama. Então, o Joel foi entrando na minha vida nesse diálogo, abrindo possibilidades, e não fechando. E foi me orientando. Tanto que minha tese de doutorado tem como título "Um novo enfoque em orientação educacional", porque eu trabalhei com a teoria, trouxe os estudos do Rogers em termos da pessoa, peguei muitos trabalhos sobre cognição. Hoje eu vejo que sobre esse aspecto, eu deveria ter pegado outro caminho. Mas à época foi o que estudei. Peguei o Cassirer¹⁷, estudei muito o Cassirer, antropologia filosófica do Cassirer ao mesmo tempo em que estudei a teoria do Papel. Eu fui fazendo toda uma articulação. O Joel foi me indicando uma boa bibliografia sobre Sociologia da Educação, sobre a questão da escola. Depois que defendi o doutorado, fui para os EUA. Eu adentrei uma outra bibliografia, que veio no rastro dessa. Mas, naquele momento, aquilo era o novo. Então, a visão do que era escola, do que era aprendizagem, toda teoria do Gagné¹⁸, eu tive que estudar. Eu fiz toda essa articulação, para mostrar que, mudando o enfoque de "a orientação educacional ser entendida como a orientação individual (ou em pequenos grupos) do aluno" para "orientação educacional da escola", porque deveria trabalhar com o sistema de valores da escola. A ideia era trabalhar com o sistema de valores da escola, visando certa convergência entre esses valores, o que refletiria na formação do eu do aluno, por ele não está exposto a valores conflitantes. E, desde então, eu fiquei muito próxima do Joel.

Eu defendi o doutorado em 1973. Em 1974, o Irineu, também, já tinha feito o doutorado, e ele queria muito ir para os EUA. Por escolha dele, ele queria Berkeley, porque ele queria estudar lógica com o Tarski¹⁹. E aí, eu falei para o Joel: "o que eu faço? Como eu vou? Qual a ligação?" E ele me pôs em contato com a *School of Education*, de Berkeley, da Universidade da Califórnia. Eu fui para lá com a visão de

¹⁵ Teoria do Papel. Originada a partir da abordagem do Teatro da Espontaneidade, desenvolvido por Jacob Levy Moreno, em que o ser humano pode ser compreendido por meio dos papéis que exerce na sociedade.

¹⁶ Jacob Levy Moreno (1889 – 1974). Médico psiquiatra, teatrólogo e educador,, elaborou a sociometria, o método do psicodrama e fez trabalho pioneiro em psicoterapia de grupo.

¹⁷ Ernst Cassirer (1874 – 1945). Professor de Filosofia na Universidade de Hamburg/Alemanha. Contribuiu para o pensamento filosófico com uma crítica kantiana às diversas formas de ação humana.

¹⁸ Robert Gagné (1916 – 2002). Professor de Psicologia da Universidade Estadual da Flórida/Estados Unidos. Contribuiu com a elaboração e estruturação de elementos da psicologia comportamental (behaviorista).

¹⁹ Alfred Tarski (1901 – 1983). Professor de Lógica, Matemática e Filosofia na Universidade da Califórnia/Berkeley/Estados Unidos.

continuar estudando, a partir de onde eu parei no doutorado. "Onde eu parei? Precisaríamos trabalhar com sistema de valores. Quais valores eram esses? A ideia não era um valor que viesse de cima para baixo." Era um valor trabalhado na comunidade, por causa do Rogers, do Buber, pelo entendimento da importância da situação dialógica, de estar com o outro em uma atmosfera de confiança e de responsabilidade, etc. Então, eu fui para lá para estudar a questão dos valores. Eu fui com uma bolsa da FAPESP. Na época, não era pós-doutorado. A gente ia como *research fellow*, pesquisador visitante. E eu fiquei dois anos lá.

Quando eu voltei, estava com a livre-docência pronta. Em 1976, a Unesp tinha acabado de ser criada. Ela foi criada em janeiro e eu voltei em julho. Quando eu chego com o trabalho de livre-docência pronto, meu departamento de Educação em Rio Claro já não existia. Eu tinha sido transferida para Araraquara. O departamento não existia. O Rubem tinha ido embora para a Unicamp. Estava tudo desmantelando no antigo Instituto Isolado do Ensino Superior em que eu trabalhava, o qual tinha sido incorporado pela Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho". Mas essa universidade não estava funcionalmente estruturada. E, para mim, foi importante, porque como eu fiquei muito sem ter com quem conversar, eu fiquei indo, sistematicamente, à São Paulo. O Joel me chamava para as bancas de orientandos dele. Eu ia, ficava dois dias. Um dia eu participava da banca, no outro, eu ficava com todos os orientandos dele, junto com ele. Assistia à aula dele, participava. Como sempre foi, porque ele nunca foi uma pessoa fechada. Ele sempre dava essa possibilidade de ser. E ao mesmo tempo, eu fui aprendendo também a orientar do jeito dele. Ele orientava em grupo. Então, ele ia conversando com todos. A gente dava palpite, ia trazendo outros alunos e participantes. E foi desse modo que eu fui me formando orientadora com ele. Continuamos estudando. O Joel é muito importante, uma personagem muito importante para a Educação. Realmente, ele é. Ele foi um dos fundadores da Pós-Graduação no Brasil, entendida como no sistema atual.

O Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP

No final de 1960, começo de 1970, na PUC/SP, havia programa de Pós-Graduação *stricto-sensu* em Educação, mas, na USP, não. Na PUCSP, já havia programas diferenciados. Então, era um programa de Filosofia da Educação, um programa de Psicologia da Educação, bem depois é que veio o de Currículo. E aí, em 1982, como eu fui transferida direto para Araraquara, eu fiz a livre-docência em Araraquara. Só que para mim, a vida estava desestruturada. Por que ela estava desestruturada? Porque eu era casada, com duas filhas, uma de onze e outra de doze. Ou doze e treze. E eu saía de Rio Claro, segunda-feira à tarde, para dar aula à noite. Às vezes, eu voltava só na quinta-feira. Estava muito ruim. E eu comecei a

reclamar demais. Eu sei que fui falar com o reitor. Era o Armando, o primeiro reitor da Unesp. “Olha, se eu me separar, quem vai assumir a Educação das minhas filhas? O marido está lá, eu vou para cá. Onde elas ficam?” O Irineu não podia ir para o câmpus Araraquara, porque lá o departamento de Matemática tinha sido fechado; eu não podia ficar em Rio Claro, porque lá tinha sido fechado o de Pedagogia. Então, o que aconteceu? Me colocaram de novo em Rio Claro, assim como foram retransferidos vários docentes que viviam a mesma situação que a minha, ou seja, de separação de casal. E no meu caso, eu fui para o departamento de Matemática. Não tinha disciplina específica de minha área porque eu era de Filosofia da Educação e já era livre-docente. Claro que eu poderia dar aula de Didática, mas eu não queria, porque não era a minha especialidade e, também, porque eu iria pegar o lugar de outra colega. Então, eu comecei a me reinventar na Matemática, com o apoio todo, especificamente do Irineu, do professor Mario Tourasse²⁰ e da professora Eurídes²¹. Os três já faleceram, mas eles me deram muito apoio.

Embora o pessoal da Matemática não gostasse muito de me ver lá, eu fui ficando. E lá não tinha Pós-Graduação. E eu comecei a dar aula de “Tópicos Especiais de Ensino de Matemática: teoria do conhecimento” e “Tópicos Especiais de Ensino de Matemática: Filosofia da Educação”. E comecei a trabalhar muito. Eu tenho que estar fazendo muitas coisas ao mesmo tempo, então eu aceitei a indicação para ser presidente da ADUNESP local. E foi uma época muito conturbada na Unesp: foi uma época de greve, de transição de regime político. E, ao mesmo tempo, começamos a pensar na possibilidade de termos uma Pós-Graduação em Rio Claro. O professor Mário e o Luís Roberto Dante²² davam muitos cursos de especialização, de extensão, em ensino da Matemática. Por que não reunir essas forças e criar uma Pós-Graduação? O Dante não gostava muito, nem o Mário. O Mário não gostava de coisa estruturada. Mas eu comecei a falar, o Irineu também. E aí entra o Joel de novo. “Joel, como é que faz? Eu queria criar isso”. Conversei com ele sobre a ideia, sobre o que tinha em Rio Claro. E ele me deu toda a sustentação para a parte da legislação e ideias sobre a estrutura do curso.

A Pós-Graduação, quando ela se inicia no Brasil, ela vem com uma legislação bem forte e estruturante dos órgãos federais. E todos os cursos de todas as

²⁰ Mario Tourasse Teixeira (1925 – 1993). Professor de Matemática da UNESP Rio Claro, contribuiu com o estabelecimento dos cursos de graduação e Pós-Graduação em Matemática e em Educação Matemática desta instituição. Desenvolveu pesquisas sobre lógica e práticas voltadas ao ensino de matemática, caso do Serviço Ativador em Pedagogia e Orientação (SAPO), entidade sem fins lucrativos, dedicada à produção de materiais didáticos que estimulassem a criação de ambientes propícios à educação.

²¹ Eurídes Alves de Oliveira. Doutora em Ciências. Atuou na UNESP/Rio Claro, desenvolvendo pesquisas sobre temas como universos ordenados e teoria dos conjuntos.

²² Luiz Roberto Dante (1943). Professor de Matemática da UNESP Rio Claro, Doutor em Psicologia da Educação, foi docente da rede pública de ensino básico no Estado de São Paulo. É autor de vários livros didáticos de Matemática para o Ensino Básico.

universidades teriam que se adequar a essa legislação, criando seus Regimentos Gerais. Claro que teriam divergências, especificidades, mas não podia sair daquela legislação. Então, o Joel me explicou muito bem como fazer, me ajudou, disponibilizou toda a infraestrutura daquela Pós-Graduação da PUC/SP. Eu fui conversando com o pessoal em Rio Claro e a gente conseguiu fazer o projeto da proposta de uma Pós-Graduação. Naquela época, necessariamente, pela Unesp, tinha que ser em Matemática. Aí, duas possibilidades de curso: uma em Ensino de Matemática e a outra em Fundamentos em Matemática. Por quê? Porque São José do Rio Preto tinha curso de Matemática²³. E a Unesp só admitia uma Pós-Graduação. Então, se fosse em Matemática, São José do Rio Preto, se quisesse pôr uma pós, vamos supor, em Matemática Aplicada, ela poderia. Mas seriam as linhas dentro de um único programa de Pós-Graduação. Então, a presença do Joel acompanha todo o movimento da minha formação e o movimento, também, da formação da Pós-Graduação em Rio Claro. Porque, inicialmente, ele entrou com o currículo dele e foi professor da pós. Do mesmo modo convidamos o Ubiratan²⁴, o Rodney²⁵ e o Eduardo Sebastiani²⁶, que vieram da Unicamp, e mais algumas professoras da Educação que tinham voltado para Rio Claro, mais o pessoal do departamento de Matemática de Rio Claro que ajudou.

Uma outra parte da presença do Joel – e aí eu acho que já estou entrando nas suas questões todas –, foi a questão dos estudos. Quando fui para os EUA, minha ligação institucional era intermediada por um Sponsor, um *professor*, o Dr. James Jarrett. Ele era da Filosofia, na Schook of Education, e eu seguia os cursos dele. Os cursos de lá, à época, eram trimestrais. E meu *sponsor* começou a dar curso em Fenomenologia²⁷. E eu comecei a fazer. E comecei a me interessar. Aí, quando eu chego de volta ao Brasil, o Joel está estudando Fenomenologia. Ele tinha deixado o Bruner e estava começando a estudar Fenomenologia. Eu terminei a minha livre-docência e quando eu retornei para fazer os estudos, os grupos de estudos, eu

²³ Programa de Pós-Graduação em Matemática – UNESP/IBILCE – Campus de São José do Rio Preto. Foi criado em 1989, inicialmente com a denominação Programa de Pós-Graduação em Ciências Matemáticas.

²⁴ Ubiratan D'Ambrosio (1932). Professor Emérito da UNICAMP, contribui no campo da Educação e História da Matemática, sendo um dos pioneiros da etnomatemática. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - UNESP/Rio Claro.

²⁵ Rodney Carlos Bassanezi (1943). Pesquisador voluntário da Unicamp na área de Biomatemática e Teoria Fuzzy.

²⁶ Eduardo Sebastiani Ferreira (1938). Professor aposentado pela UNICAMP, contribuiu com a Educação Matemática nas áreas de etnomatemática, história da matemática e Educação Indígena.

²⁷ Fenomenologia: filosofia que destaca os fenômenos, na forma em que são percebidos pela consciência, como importantes para o conhecimento.

comecei a estudar Fenomenologia com o Joel. Ele estava estudando Heidegger²⁸. Então, fomos estudar Heidegger. Depois, passamos para Husserl²⁹, Merleau-Ponty³⁰. E o Joel trouxe todo o modo de pesquisa qualitativa para o Brasil. O modo de fazer pesquisa qualitativa. Porque ele, anualmente, ia para os EUA, para Bowling Green, ficava lá dois, três meses, onde lecionava. Ele era muito amigo e trabalhava muito com Amadeu Giorgi³¹, que era um psiquiatra de linha tradicional, inicialmente, e que depois começou a trabalhar com Fenomenologia em Psiquiatria. E esse trabalho com o Amedeo foi dando a sustentação, abrindo uma possibilidade, de eles, Joel e Amedeo, articularem um modo de se fazer pesquisa qualitativa com base na Fenomenologia.

A Fenomenologia é uma Filosofia árdua. Como você trabalha a questão da descrição, da redução, se você quiser trazer isso para a Educação ou para a Psicologia. Como você faz? E esse foi o trabalho deles. E, eu estando junto com o Joel, naquelas discussões de orientações dos seus alunos e nas bancas de doutorado das quais participei, eu fui aprendendo muito e fui colocando o dedo em algo que estava acontecendo. Com isso, quando a gente começa a Pós-Graduação que criamos em Rio Claro, eu começo a dar aula de Filosofia da Educação, na Pós-Graduação em Matemática, com duas linhas: de Ensino de Matemática e de Fundamentos de Matemática. Não tinha nenhuma Pós-Graduação em Educação da Unesp. Depois veio aquela de Matemática, com aquelas linhas. Chamavam-se linhas mesmo. Então, a proposta foi aprovada no âmbito da Unesp que a enviou direto para a Capes. Como o nome do curso era Matemática, foi encaminhada para o Núcleo de Avaliação da Matemática. E esse núcleo muito forte era formado por pessoas que eram do IMPA.

O IMPA é muito rigoroso. E para o IMPA, Fundamentos da Matemática, Lógica da Matemática, de acordo com Elon Lages Lima³², não era Matemática. Imagina, então, a Educação Matemática. Vem, assim, um parecer acabando com o

²⁸ Martin Heidegger (1889 – 1976). Filósofo alemão, foi professor de Filosofia na Universidade de Friburgo/Alemanha. Foi aluno de Edmund Husserl e professor de Hannah Arendt, contribuindo com a fenomenologia, a hermenêutica e o existencialismo, dentre outros.

²⁹ Edmund Husserl (1859 – 1938). Filósofo alemão, foi professor de Filosofia na Universidade de Friburgo/Alemanha, dedicando-se aos temas de epistemologia, lógica, ontologia e matemática.

³⁰ Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961). Filósofo francês, foi professor de Filosofia nas universidades de Lyon e Sorbonne/França, desenvolvendo estudos em fenomenologia a partir dos trabalhos de Edmund Husserl.

³¹ Amedeo Giorgi (1931). Psicólogo norte-americano, leciona na Universidade Saybrook/San Francisco/Estados Unidos. Co-fundador da escola duquesne de psicologia, responsável por desenvolver pesquisa no campo da psicologia com base na fenomenologia. Um dos epígonos da psicologia humanística.

³² Elon Lages Lima (1929 – 2017). Pesquisador emérito do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Além de presidente do IMPA em três gestões, atuou na Faperj, no Conselho Nacional de Educação e desenvolveu trabalhos voltados para formação de professores de matemática do Ensino Médio.

Programa. O Ubiratan deu uma resposta fantástica e assinou. Concomitante, mudou o regimento da Unesp e permitiu que a gente tivesse mais do que uma Pós-Graduação em uma mesma área. Com isso, a gente reestruturou o programa e ficou um programa de Pós-Graduação de Fundamentos de Matemática e um programa de Pós-Graduação agora denominado Educação Matemática. Esse programa de Educação Matemática foi estruturado de um modo peculiar.

Para falar dessa estrutura é preciso voltar ao momento de sua elaboração, quando, no âmbito da própria Unesp, o projeto foi encaminhado para dois pesquisadores, um da área de Educação (na Unesp, não havia nenhuma Pós-Graduação em Educação nessa época) e uma da área da Matemática. E foram emitidos dois pareceres contrários. O que veio da Educação não me lembro. O que veio da Matemática eu me lembro, porque conhecia muito quem era o Ruy Madsen Barbosa³³, o professor que emitiu o parecer. Então, fomos à Reitora, o Mário, o Irineu, o Dante e eu e discutimos muito com a professora que era a Presidente da Câmara Central de Pós-Graduação da Universidade, que, hoje, corresponderia à Pró-Reitora de Pós-Graduação. E a proposta foi aprovada. Então, como o Programa foi estruturado? Ele não poderia ser caracterizado nem como sendo só de Educação, nem como sendo só de Matemática. Então, ele tinha três blocos pertinentes à área de concentração do programa (termo específico da própria legislação vigente). Essas três áreas foram denominadas como sendo: uma da Educação, que acolhia disciplinas da Educação, como Filosofia da Educação, Psicologia da Cognição, Psicologia da Aprendizagem, Didática; uma de Matemática com várias disciplinas e uma de Educação Matemática, também, com várias disciplinas. Os alunos precisavam escolher duas disciplinas de cada bloco. Além do núcleo de concentração, a legislação determinava a existência de outro núcleo que acolhia as disciplinas tidas como não nucleares ao programa, ainda que importantes. Era o caso da Estatística, por exemplo. No total, o aluno precisava cursar oito disciplinas (duas de cada bloco), perfazendo o número de créditos determinado pela legislação. Nossa decisão foi exigir o mínimo de créditos possível.

Porque o Mário não gostava de nada fechado, de você ser obrigado a fazer. Então, por exemplo, de Educação, tinham quatro disciplinas oferecidas, o aluno deveria escolher duas dentre elas. E, assim, sucessivamente. Então, nós conseguimos assegurar, pelo regimento, que o aluno não seria formado só em Educação, que poderia ocorrer se ele quisesse escolher só as disciplinas de Educação, nem só em

³³ Ruy Madsen Barbosa (ano-2017). Doutor em Matemática pela PUC de Campinas. Foi professor da UNESP de Araraquara (1960-1978) e de São José do Rio Preto (1978-1986). Foi diretor Regional da Sociedade Brasileira de Educação Matemática/São Paulo (SBEM-SP). Seus trabalhos envolveram investigações matemáticas, caso de resolução de problemas, padrões geométricos e regularidades.

Matemática, etc. E o nome do programa ficou como Educação Matemática e seus Fundamentos Filosóficos-Científicos. Então, as teses poderiam ser em Filosofia e poderiam ser na Ciência, entendendo, aqui, Matemática, Educação, Psicologia, etc. Então, essa foi a ideia que deu sustentação à proposta do programa e depois ao seu funcionamento.

E onde, então, o Joel volta a entrar? Quando eu começo a dar aula de Filosofia da Educação, nesse grupo de Educação, eu trouxe muito de fenomenologia. Eu comecei a dar muitas aulas sobre Heidegger, focando a questão da pessoa, a questão da comunidade, as questões que o Heidegger apresenta sobre o *Dasein*³⁴, etc. Comecei a estudar muito Husserl. Ao ministrar aula de Filosofia da Matemática, para a Graduação de Matemática, fui buscar apoio nas obras de Husserl. Eu não sou matemática. Então, de onde eu ia pegar? E em um dos livros de fenomenologia (do Zanner), que eu tinha trazido dos Estados Unidos, tinha "A Origem da Geometria", do Husserl. É um texto do fim da vida dele, com 40 páginas. Eu consegui traduzir, porque é difícil, a linguagem dele é difícil. Estava traduzido para o inglês e era para trabalhar com os alunos da graduação. Aí, eu comecei a entrar pela questão toda da Fenomenologia. E certos alunos, que eram excelentes, entraram muito pela Filosofia da Matemática. Alunos do bacharelado. O Vicente Garnica³⁵ foi meu aluno na graduação e fez Iniciação Científica comigo sobre um texto do Husserl.

Bom, então, a influência do Joel veio por aí, e veio junto com a Pesquisa Qualitativa, porque, nessa época, a gente começa o curso em 1984 e você não tem os livros de pesquisa qualitativa. Eles vão sair no fim da década de 1980. Então, que autor eu tinha para me basear nas orientações de alunos? Eu tinha o Amedeo Giorgi, as aulas do Joel sobre Análise do Discurso³⁶. Não tínhamos livros. Mas para cada aula que o Joel dava, ele preparava notas de aula. Ele tinha umas 500 notas de aula. Eu tenho muitas! As notas de aula dele eram assim estruturadas: 1, 1.1, 1.1.1; 2, 2.1, 2.1.1, etc. E aí, ele ia explicando e a gente ia entrando com nossas observações, perguntas, etc. Com essas notas de aula vi que poderia ser organizado um livro e propus a ele: "Joel, vamos juntar isso aqui e escrever um livro?!". Então ele me deu tudo e falou: "Escreve você!". Eu peguei e estudei tudo aquilo e fui escrevendo. Fui vendo como ele ia fazendo. Aquele é o primeiro livro em pesquisa qualitativa de visão fenomenológica que sai e praticamente, no Brasil, o primeiro livro de pesquisa qualitativa. É de pesquisa qualitativa em Psicologia. Então, ele quis que eu fosse coautora. Esse livro foi vendido barbaramente. Foi traduzido, eu nem sei, eu não tenho os livros traduzidos. Foi

³⁴ Dasein – Termo filosófico utilizado por Heidegger para descrever o ser existente.

³⁵ Antônio Vicente Marafioti Garnica (1962). Doutor em Educação Matemática pela UNESP. Professor da UNESP, campus de Bauru. Dedicou-se a promover estudos envolvendo a História da Educação Matemática.

³⁶ Análise do Discurso. Campo das áreas de linguística e comunicação voltado à análise das línguas, considerando o processo de construção de elementos ideológicos.

traduzido para o Espanhol. Eu não consegui nem um exemplar. Eu não rastreei o livro, eu não sei. Mas eu sei que ele é muito conhecido. E, por ali, a gente começou a trazer como fazer pesquisa séria em Educação Matemática, que não fosse a quantitativa. Porque quantitativa, a Maria Lúcia³⁷ e o pessoal da estatística dariam conta. Eles são ótimos! Mas e o qualitativo? Como é que fazia? Então, as primeiras teses, que eu orientei, eu já começo a trabalhar com isso.

Claro que a gente estava no começo, mas, por exemplo, a primeira tese defendida no programa, que foi do Geraldo Accioly³⁸, ele trabalha com entrevistas e a gente analisa as entrevistas. A do Marcelo Borba³⁹, ele vai para uma favela lá em Campinas, ele anota tudo e nós temos que analisar aquilo. Então, tem que ir buscando formas de fazer de modo rigoroso a análise. Porque eu não queria e nós não poderíamos, de modo algum, ter um produto da Pós-Graduação fraco. Então, como que nós iríamos trabalhar com isto? Claro, que o Ubiratan D'Ambrósio, o Sebastiani e o Rodney, com a Etnomatemática e com a Modelagem Matemática, foram muito importantes. A Maria Cecília Micotti⁴⁰ era piagetiana excelente. Então, o que eles faziam era forte. E assim, as nossas teses serviram de modelo para a criação de muita coisa no Brasil. E, inclusive, o João Pedro da Ponte⁴¹, português, que veio como visitante e ficou um mês em Rio Claro, levou xerox das cinco primeiras teses que estavam defendidas para Portugal. Então, isso foi importante. Veja a presença do Joel. Não só, veja, jamais eu vou dizer que a presença do Ubiratan, do Sebastiani e do Rodney não tenham sido importantes, foram! Mas, em uma outra dimensão, que era a da Matemática e a da Educação Matemática. E o Joel entrou com a pesquisa qualitativa, que a gente foi articulando ideias e criando modos de proceder segundo a visão fenomenológica. Então, aí, você vê a presença dele. A presença dele na pós e na minha vida. Ele falece em 1993 e eu herdo amores e desamores do Joel. Eu era a pessoa mais próxima a ele, intelectualmente falando, como amiga eu era muito próxima, mas, intelectualmente, eu tive que retomar o que ele fazia e continuar, eu

³⁷ Maria Lúcia Lorenzetti Wodewotzky (1941). Professora aposentada e colaboradora da UNESP. na área de probabilidade e estatística aplicadas, com ênfase em educação estatística.

³⁸ José Geraldo Accioly Mendes da Silva (ano) Professor aposentado da Universidade Federal do Piauí.

³⁹ Marcelo de Carvalho Borba (1959). Doutor em Educação Matemática pela Cornell University. Professor da UNESP de Rio Claro. Dedicar-se a pesquisas em EaD online, modelagem, tecnologias digitais, vídeos e metodologia de pesquisa qualitativa. É coordenador da Área de Pós-Graduação em Ensino na CAPES (2018-2022).

⁴⁰ Maria Cecília de Oliveira Micotti (1940). Doutora em Ciências pela UNESP. Professora titular da UNESP. Suas pesquisas voltaram-se para temas como alfabetização, formação de professores, práticas pedagógicas, ensino fundamental e ensino-aprendizagem

⁴¹ João Pedro Mendes da Ponte (1953). Professor catedrático de Didática da Matemática da Universidade de Lisboa. Desenvolve pesquisas em Didática da matemática, formação de professores e Tecnologias da Informação e Comunicação. Foi um dos fundadores da Associação de Professores de Matemática, em Portugal, bem como dos cursos de mestrado e doutorado em Didática da Matemática na Universidade de Lisboa, onde também dirigiu o Instituto de Educação (2010-2018).

tive que carregar isso. Então, felizmente, tem dado certo, tenho estudado muito, e vai indo. E olha, nós não tínhamos dentro da Unesp um programa de Educação, então, não tinha modelo nenhum.

A Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos⁴² e o SIPEQ⁴³

Essa sociedade foi fundada em 1989. Nós tínhamos lá na PUC/SP um grupo que estudava junto com o Joel. E o que a gente fazia? Tinha o grupo da orientação e tinha o grupo de estudo. Então, a gente estudava a cada 15 dias um determinado texto. Íamos estudando e discutindo e nos aprofundávamos no assunto. Era isso que a gente estava fazendo para conhecer fenomenologia. E aí, o Joel queria muito que se fundasse uma sociedade. Eu e todo mundo, nós não queríamos fundar a sociedade. Porque é difícil criar e manter uma sociedade. Mas o Joel estava passando por um período de vida muito difícil. O companheiro dele havia falecido, um companheiro de longa data e a gente amava o Joel e amava o Fernando (o companheiro do Joel que havia falecido). Então, a gente reuniu forças para criar a sociedade e a criamos.

A Maria Inês Fini⁴⁴ nos ajudou com todo o estatuto. Porque imaginem, o Joel era muito exigente, e nós éramos tão exigentes quanto ele. Tinha que sair tudo perfeito. Então, fizemos o estatuto, fizemos tudo o que precisava e fundamos a sociedade. E uma sociedade, para ela se manter, de acordo com o Joel, tinha que produzir pelo menos um livro ou alguma coisa semelhante por semestre. Então, inicialmente, a gente começou a produzir livros. Se vocês entrarem no site da sociedade, nós pusemos os livros da sociedade para download, são os primeiros. E depois nós criamos os cadernos de Pesquisa Qualitativa, que foram três e pararam. O Joel faleceu em 1993. Desde que começamos essa sociedade, foi tudo muito difícil. Porque, ela é criada por um grupo que estuda Fenomenologia. Então, ela foi tida como uma sociedade de Fenomenologia, que faz Pesquisa Qualitativa. Mas não era e não é. Se você olhar o estatuto, ela é aberta. E nós convidávamos, a essa época, a

⁴² Sociedade de Estudos de Pesquisa Qualitativos. Foi fundada em 1989, sob coordenação do Prof. Dr. Joel Martins e com o intuito de promover o desenvolvimento e a divulgação de pesquisas qualitativas, por meio da organização de estudos, eventos acadêmicos e publicações científicas.

⁴³ SIPEQ. Simpósio Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Foram realizados cinco edições: 2001 (Universidade do Sagrado Coração/Bauru), 2004 (Universidade Sagrado Coração/Bauru), 2006 (Universidade Metodista/São Paulo), 2010 (UNESP/Rio Claro) e 2018 (UNIOESTE/Foz do Iguaçu).

⁴⁴ Maria Inês Fini. Fundadora da Faculdade de Educação da UNICAMP, atuou em instituições diversas associadas à Educação, caso do INEP (diretora, 2007 – 2010) e da Secretaria Estadual da Educação de São Paulo (Coordenadora do “São Paulo faz Escola”, 2007 a 2010). Suas pesquisas envolveram Currículo e Avaliação, com experiência em Gestão Educacional na Educação Básica e Superior.

Marli André⁴⁵ e Menga Ludke⁴⁶, que publicaram aquele livro de Pesquisa Qualitativa, dizendo coisas, inclusive, um pouquinho de etno, metodologia e etc. Nós as convidávamos, chegamos a trazer a Marli André para ficar com a gente, abrir para outras perspectivas, trazer para a sociedade. Mas nunca conseguimos, nunca conseguimos. Então, foi uma sociedade que foi se mantendo com a contribuição de poucos associados e com muita dificuldade. Por exemplo, para a gente fazer os livros, a gente pagava, entende? Porque tinha que fazer, a gente já tinha estudado, estava ali, não ia fazer? Fazia! Então, ela veio se arrastando.

No primeiro SIPEQ, a presidente da sociedade era a Vitória Helena Cunha Espósito⁴⁷, eu era a vice. Porque tinha tão pouca gente, que uma era presidente e outra era vice. Nessa época, eu me aposentei – em 2001. Eu havia sido candidata a reitora da Unesp e como não ganhei, fiquei pensando muito se eu iria continuar, como que eu continuaria na Unesp. Eu não sei ficar quieta. Se eu não me aposentasse, eu ia me meter em discussão. E aí eu pensei muito, e me ficou claro. “Eu já dei tudo o que eu tinha que dar para a Unesp”. Eu não quis continuar como professora na ativa. Então, eu me aposentei. E aí a irmã Jacinta⁴⁸, reitora da USC em Bauru, se esforçou muito para me levar para lá. Porque, ela queria criar uma Pós-Graduação em Educação. Nós até chegamos a fazer uma proposta. Eu convidei o Aquiles Von Zuben⁴⁹ e ele foi para lá e eu não queria ser coordenadora; assim, ele assumiu esse posto. Ele ficou como coordenador. Mas a gente fez o projeto e esse projeto não passou na Capes. Era um projeto muito interessante, inovador e não passou porque a gente pôs como linha de pesquisa “Cuidado”. Isso foi em 2002, 2003, por aí. E “Cuidado” é algo muito importante, na Educação, na Enfermagem, na Fisioterapia.

Para Heidegger, a estrutura ontológica do ser humano é o “Cuidado”, que é a cura. É o estar atento, é o cuidar do ser sendo. E lá, como tinha um programa bastante forte, um setor bastante forte de fonoaudiologia e de enfermagem, então a

⁴⁵ Marli Eliza Dalmazio Afonso de André. Doutora em psicologia da Educação pela University of Illinois. Professora titular aposentada da USP e professora da PUC-SP. Desenvolve pesquisas em formação de professores e metodologia da pesquisa em educação.

⁴⁶ Hermengarda Alves Ludke. Doutora em Sociologia da Educação pela Université de Paris. Professora titular da PUC-Rio. Pesquisa na área de educação sobre problemas da formação, pesquisa e profissão docentes, socialização profissional de professores e avaliação escolar.

⁴⁷ Vitória Helena Cunha Espósito. Professora titular da PUC-SP. Presidente da Sociedade de Estudos de Pesquisas Qualitativas, entre 1999 a 2001. Suas pesquisas tratam de temas no campo da Educação, como pesquisa qualitativa, saúde, construção de conhecimento e ação educativa

⁴⁸ Irmã Jacinta Turolo Garcia. Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Urbaniana/Roma/Itália e membro do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche/Roma/Itália. Reitora da Universidade do Sagrado Coração, ao longo do período entre 1988 e 2005. Suas pesquisas envolvem formação da pessoa humana, educação universitária e enfoques fenomenológicos da formação.

⁴⁹ Newton Aquiles von Zuben. Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain. Professor titular aposentado da UNICAMP. Desenvolve pesquisas em temas como história da filosofia, antropologia filosófica e ciências da religião.

ideia era trabalhar junto, no mesmo programa, essa linha de pesquisa. O projeto foi para a Capes, para ser avaliado pela área da Educação. E na Educação, você sabe que o pessoal é muito rígido, em geral. Você me desculpa, eu sou pedagoga. É, eu sou. Mas é muito rígido: só vê a coisa por uma perspectiva. Mas aí, para trabalhar com Educação e Cuidado, nós tínhamos que trabalhar o Cuidado, que é o cuidado que você tem com o educando e o cuidado que você tem com o paciente. Claro que você vai trabalhar de modo diferente. Mas, lá na base, é a mesma atitude. Mas o projeto não passou e no final eles começaram a não ter dinheiro e a irmã, que tinha uma cabeça excelente, que, também, não cabia na universidade, foi afastada e nós professores dispensados. E aí, a Vitória veio, também, para a Pós-Graduação lá de Bauru e, como eu estava dizendo, ela era a presidente da SE&PQ. E ela, com a irmã, visualizaram esse primeiro SIPEQ, lá em Bauru. Eu estava com problemas pessoais. Eu tinha ficado casada 37 anos e, em 2001, me separei. Então, eu estava muito debilitada, e junto a isso eu também tinha me aposentado. Eu tinha deixado de ser pró-reitora, fui Pró-Reitora por oito anos, com muita atividade. Eu me aposentei, mas eu escolhi continuar como colaboradora voluntária no próprio programa. Sou até hoje. E aconteceu de a Vitória ficar doente. Quem teve que assumir o I SIPEQ fui eu.

Eu não tinha visualizado, quem tinha programado o evento eram elas duas. E aí, eu tive que entrar naquilo e fazer acontecer. E nesse fazer acontecer, a irmã Jacinta convidou a Angela Ales Bello⁵⁰. Ela sugeriu que convidássemos a Angela Ales Bello para fazer a conferência de abertura. A Angela veio da Itália e foi uma maravilha, porque nós ficamos amigas e ela, realmente, é uma grande fenomenóloga e continuou conosco. Para o congresso, além da conferência de abertura realizada pela Angela (que é fenomenóloga), nós levamos outras pessoas para falarem de Pesquisa Qualitativa. Se vocês pegarem o primeiro volume da Revista Pesquisa Qualitativa, que está também para download, vão ver os que ali estavam: João Pedro Mendes da Ponte, que estava com a questão do simbólico. Pesquisadores da linguística, etnomatemática, sociologia. E aí, nesse congresso nós conseguimos fazer um debate mais aberto. Não conseguimos produzir Anais, mas nós produzimos um livro. Foi o primeiro congresso. A conferência de abertura da Angela, está ali na íntegra, traduzida. Em conjunto com a Revista, foi uma tentativa de abrir a questão da Pesquisa Qualitativa para as outras tendências, que não só fenomenologia. Isso continuou no segundo, no terceiro SIPEQ.

O terceiro SIPEQ foi excelente, foi na Universidade Metodista de São Paulo, com uma qualidade fantástica. Depois, o quarto SIPEQ não foi tão forte, demorou a

⁵⁰ Angela Ales Bello (1939). Profa. Emérita pela Pontificia Università Lateranense, Roma, Itália. É fundadora e diretora do Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche, sediado em Roma. Suas pesquisas envolvem fenomenologia, Edith Stein, pesquisa qualitativa e História da Filosofia Contemporânea.

acontecer. A Verilda⁵¹, que era a presidente e se deparou com a sociedade sempre com muita dificuldade, muita dificuldade de conseguir dinheiro e etc., fez, sim, o congresso, mas de modo mais simples e foi na Unesp, câmpus de Rio Claro. E aí, fizemos este ano (2018), depois de uma retomada, porque a gente parou com a sociedade, mais ou menos, em 2010. Ela ficou sem morrer, mas sem estar ativa. E, nesse ínterim, os portugueses retomaram o tema da pesquisa qualitativa. O Antônio Costa⁵² até me procurou, ele queria muito que a gente apoiasse.

Naquela época, eu não era presidente, a sociedade estava parada e ele começou a fazer os CIAIQs, que são os Congressos Internacionais de Investigação Qualitativa. E ele faz um por ano, ele faz isso lá em Portugal. E aí, começou a ir muito brasileiro para Portugal. Então, ele faz um ano em Portugal e um ano no Brasil. Ele conseguiu muita gente. E no CIAIQ, a presença do pessoal da saúde é muito grande, principalmente, da enfermagem, muito maior do que nas outras áreas. Tanto, que nesse SIPEQ de 2018, aliás, desde o terceiro SIPEQ, eu tenho trazido o Turato⁵³, e buscado fazer uma ponte com a área da saúde. Mas, com o Antônio, a parte da enfermagem foi chegando e vocês viram, tinha bastante referência ao V SIPEQ, realizado em 2018. Mas, ele fez o CIAIQ lá em Fortaleza, agora, em julho de 2018. Eu fui. A quantidade de gente da saúde é muito grande. Eles trabalham com diferentes áreas. Eles trabalham muito com Análise do Discurso, eles trabalham muito com toda a parte de analisar os dados com softwares. Mas, isso não dá para ser feito, conforme eu entendo até o momento, com fenomenologia. Então, a gente vai, trocando figurinha e vai se ajudando.

Nós estamos tentando abranger mais gente. Agora, eu sei que nós perdemos o bonde. Porque, se nós não tivéssemos parado em 2010, ou se nós tivéssemos continuado com toda a força a partir do terceiro SIPEQ, nós estaríamos em outra. Mas, nós não conseguimos trazer muita gente de outras áreas, entendeu? E aí, o Antônio conseguiu. E agora, é engraçado. Porque, para ir lá, para o CIAIQ, em Portugal, a gente desembolsa tudo. É caríssima a inscrição. Se você vai pra Portugal, é caro. A viagem é cara. Tudo é caro. Todo mundo paga e o que vai de brasileiro lá, você não imagina. No último, no penúltimo CIAIQ tinham 700 pessoas. Das 700, umas 400 pessoas, quase 500 eram brasileiros. Principalmente, do Norte e do Nordeste. Mas eles

⁵¹ Verilda Speridião Kluth (1951). Doutora em Educação Matemática pela UNESP. Professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Seus trabalhos envolvem temas como ensino de álgebra e de geometria, educação matemática, pesquisa fenomenológica e suas interlocuções com outras abordagens.

⁵² Antônio Pedro Costa. Pesquisador português, doutor em Multimídia em Educação na Universidade de Aveiro. Seus esforços de pesquisas são voltados para análise qualitativa, empreendedorismo na educação, ensino a distância e o desenvolvimento de recursos educativos.

⁵³ Egberto Ribeiro Turato. Professor Titular da Unicamp. Dedicar-se, em suas pesquisas, ao desenvolvimento e aplicação do Método Clínico-Qualitativo.

não vêm pra cá. Eu acho assim: sempre que você fala em pesquisa qualitativa, você está falando de um modo de trabalhar sem ser a quantidade. O que é básico na pesquisa qualitativa? É a questão da linguagem e a questão da história. São essas as questões que são importantes na pesquisa qualitativa. Claro, por que linguagem? Porque é a forma pela qual você expõe o que você está compreendendo. E se você pegar uma outra vertente, dialético-crítica ou da psicologia vygotskiniana, por exemplo, você tem o contrário; você tem a sociedade se impondo. Mas como ela se impõe? Pela linguagem. Com Wittgenstein, você tem os jogos de linguagem. Estudando muito, eu consegui compreender bem que você tem isso na base. Enquanto na ciência positivista você tem uma quantidade, tem uma ciência que permite com suas teorias, articular logicamente e de modo dedutivo afirmações com afirmações; na pesquisa qualitativa você está buscando essa constituição: como isso acontece? Como isso é compreendido? Fenomenologicamente, é como o mundo faz sentido a pessoa.

Sobre Formação de Professores na Unesp

A Unesp tem uma tendência muito forte para formar professores. Não sei se, inicialmente, foi o que ficou mais à vista, quanto se constituíram, quer dizer, foram criados os Institutos Isolados, em 1958. Vocês (o IBILCE/UNESP), também, estão fazendo 60 anos, não é? Mas em todos os lugares em que se criou Instituto Isolado, nessa época de 1958, você vai encontrar um curso de Pedagogia e licenciaturas. Menos em São José dos Campos, que eu não sei quando foi criado. Eu vou falar de onde eu lembro. Eu não era da Unesp em 1958. Então, Rio Claro, você vai ter o quê? Você tinha a parte de Biologia muito forte, com a parte de pesquisa de abelhas, toda parte de genética. Mas você tinha licenciatura. Você tinha Pedagogia, licenciatura. Tinha Geografia, muito forte. Bacharelado e licenciatura em Física e Matemática. Então, a Licenciatura era forte. Você vai encontrar, naquela época, em Rio Claro, vários cursos com Bacharelado e Licenciatura. Aqui, em Rio Preto, tinha Pedagogia, tinha Letras, Biologia. Na década de 1960, não tem muita diferença entre Bacharelado e Licenciatura. Nos três primeiros anos era trabalhada a Ciência e depois as disciplinas da Educação. Nessa época, a parte de Ciência básica é muito forte nos cursos. Tanto que se tinha aquele esquema três mais um.

Em Marília você encontra História, Filosofia, Pedagogia. Assis tinha Letras. Não tinha Pedagogia. Não lembro se tinha História também. E Presidente Prudente tinha Geografia, Matemática, Pedagogia, todos cursos com Licenciatura. E Franca tinha Pedagogia, Ciências Sociais e não lembro que outro curso. Não tinha Direito. Araraquara, então, tinha o quê? Tinha já duas faculdades fortes, que não eram nem institutos antes, eram anteriores aos Institutos Isolados. Eu sei que, quando criam eles

passaram a fazer parte dos Institutos Isolados também. Tinha a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, que tinha Ciências Sociais, Pedagogia e Letras. Então, em todos tinha Pedagogia.

O câmpus de Botucatu foi criado bem depois. Foi criado em 1963, 1964. E não tinha Pedagogia. Araçatuba tinha só Odontologia, depois criaram Veterinária. Botucatu tem Veterinária, tem Agronomia, tem o Instituto de Ciências e tem a Medicina. Bem depois, criaram a Enfermagem. E esse instituto de Biologia era um instituto para dar suporte a quem? Dar suporte à Medicina e à Veterinária. Não foi criado, ali, o curso de Pedagogia. O pessoal da Educação dava aula na licenciatura de Biologia. Então, essa era uma tendência e ficou uma tendência forte na Unesp. Em Ilha Solteira, também, não foi criada com Pedagogia, ela foi criada só com as Engenharias. Jaboticabal, também, não tinha Pedagogia, nem nada de Ciências Sociais. Tinha só Veterinária e Agronomia. São José dos Campos foi criado só com a Odontologia e Guaratinguetá só com as Engenharias. Então, você vai vendo que vai se delineando na Unesp, com o que veio depois, algo diferenciado. Aquela tendência maior para os cursos de licenciatura foi sendo enfraquecida. Mas, depois de 2000, ela me parece que se revigorou. Mas, como me aposentei, já não sei o que se passa.

Quando eu assumi, em 1993, a Pró-Reitoria de Graduação, a Unesp tinha 36 cursos de licenciatura das diferentes áreas e, no total, 84 cursos. E aí, eu tinha os outros cursos, que não eram de licenciatura. E como trabalhar com isso tudo? Porque você não pode entrar numa Pró-Reitoria e pensar só na formação de professor ou não pensar na formação de professor. Fiquei pensando, ao assumir a Pró-Reitoria de Graduação, como poderia melhorar a graduação, uma vez que a universidade estava valorizando muito a Pós-Graduação. Junto com meus assessores, delineamos um projeto para a Graduação, tendo como eixo o Projeto Pedagógico do Curso. O ponto central era olhar o curso como uma totalidade, cujo objetivo era a formação com qualidade do profissional por ele visado. A concepção que conduziu as ações foi (e ainda é a que assumo): o curso envolve as disciplinas e todas as atividades formadoras do aluno, desencadeadas institucionalmente, como, por exemplo: Iniciação Científica, TCC, PET, estágios supervisionados, semanas acadêmicas organizadas pelos alunos. A ideia era fazer com que todos os professores que ministravam disciplinas em um curso determinado focassem o objetivo do curso e o assumissem. Daí, a criação do Conselho de Curso de Graduação e a posição de Coordenador do curso de Graduação. Isso era importante, porque a maioria dos cursos conta com professores lotados em diferentes departamentos. Por exemplo: Licenciatura de Matemática de Rio Claro. Conta com professores dos Departamentos de Matemática, de Física, de Computação e de Educação. No caso dos 36 cursos de licenciatura, realizamos reuniões para pensar a questão de distribuir as disciplinas

pedagógica e de ensino ao longo dos quatro anos, tendência essa que já vinha sendo discutida no âmbito da literatura. A questão era pensar junto com os professores como poderia ser realizado, em específico a questão da prática.

Esse trabalho todo realizado nesses oito anos na Pró-Reitoria de Graduação está relatado no livro que escrevi intitulado “Ideal, trabalho e compromisso na universidade pública. Relato e reflexão sobre uma experiência” (BICUDO, 2000). Na posição de Pró-Reitora, órgão central, o olhar para a Universidade muda, porque a gente vai se situando e vai vendo a complexidade e o embate das forças. Ao mesmo tempo em que estava como pró-reitora não deixei de ser professora e pesquisadora. Não deixei a Pós-Graduação de Educação Matemática e não deixei de ser pesquisadora do CNPq.



Entrevistada

Profa. Dra. Maria Aparecida
Viggiani Bicudo

AGRADECIMENTOS

Gabriel Souza Gregorutti
Lara Martins Barbosa
Rafael Scucuglia de Souza Rodrigues
Rita de Cassia Idem

REFERÊNCIAS

- BAILEY, J. First steps in qualitative data analysis: Transcribing. **Family Practice**, Oxford, v. 25, n. 2, p. 127–131, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1093/fampra/cmn003>. Access in 15 feb 2021.
- BAZELEY, P. **Qualitative data analysis: Practical strategies**. London: Sage Publications, 2013.
- BICUDO, M. A. V. A Pós-Graduação em Educação Matemática de Rio Claro: historiando sua trajetória. In: NARDI, R.; GONÇALVES, T. V. O. (org.). **Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática no Brasil: memórias, programas, consolidação da pesquisa na área**. São Paulo: Livraria da Física, 2014. p. 85-97.
- BICUDO, M. A. V. **Ideal, trabalho e compromisso na universidade pública**. Relato e reflexão sobre uma experiência. São Paulo: Olho D'Água, 2000.
- BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FROCHTENGARTEN, F. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 125-138, jan/mar 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100008>. Acesso em 15 fev 2021.
- GARNICA, A. V. M.; BICUDO, M. A. V. Uma sessão de Memória: entrevista com Maria Aparecida Viggiani Bicudo. In: DASSIE, B. A.; COSTA, D. A. (org.). **História da Educação Matemática e formação de professores**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018, p.187-241.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e coletivas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 64-89.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.
- GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.
- GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- GONÇALVES JUNIOR, W. O melhor colégio do mundo. **São Paulo Minha Cidade**, 13 de janeiro de 2011. Disponível em <http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/4614/O%25252Bmelhor%25252Bcolegio%25252Bdo%25252Bmundo>. Acesso em 15 fev 2021.
- KAUFAMNN, J-C. **A entrevista compreensiva**. Um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KIRSCHENBAUN, H. Carl Rogers's life and work: an assessment on the 100 anniversaries of his birth. **Journal of counseling and development**, EUA, v. 82, n. 1, p. 116-124, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1002/j.1556-6678.2004.tb00293.x>. Access in 15 feb 2021.
- SIMEÃO, M. P. C; MOCROSKY, L. F. Pesquisa qualitativa e a abordagem fenomenológica: o percurso da professora pesquisadora Maria Aparecida Viggiani

Bicudo. **ACTIO DOCÊNCIA EM CIÊNCIAS**, v. 3, n. 3, p. 236-252, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3895/actio.v3n3.8626>. Acesso em 15 fev 2021.

WACQUANT, L. J. D. O Legado Sociológico de Pierre Bourdieu: **duas dimensões e uma nota pessoal**. **Revista Sociologia Política, Curitiba, n. 19, p. 95-110, nov 2002**. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782002000200007>. Acesso em 15 fev 2021.